UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE TURISMO
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA DO TURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Márcio José de Moraes Oliveira

“Devagar com o andor que o santo é de barro”: o sofrimento psíquico nas relações de trabalho no turismo de base comunitária no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG

Juiz de Fora
2026

Márcio José de Moraes Oliveira

“Devagar com o andor que o santo é de barro”: o sofrimento psíquico nas relações de trabalho no turismo de base comunitária no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profª. M.ª Luciana Bittencourt Villela

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OLIVEIRA, MÁRCIO.
"Devagar com o andor que o santo é de barro" : o sofrimento psíquico nas relações de trabalho no turismo de base comunitária no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG / MÁRCIO OLIVEIRA. -- 2016.
39 f. : il.

Orientadora: Luciana Villela
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em Gestão Publica de Turismo e Desenvolvimento Regional, 2016.

1. Turismo de base comunitária . 2. Trabalho . 3. Sofrimento psíquico . 4. Psicodinâmica do trabalho . I. Villela, Luciana, orient. II. Título.

Márcio José de Moraes Oliveira

“Devagar com o andor que o santo é de barro”: o sofrimento psíquico nas relações de trabalho no turismo de base comunitária no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovado em 20 de março de 2026

BANCA EXAMINADORA

_____
M.ª Luciana Bittencourt Villela - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Dra. Edilaine Albertino de Moraes
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
M.ª Ananda Elisabeth Fernandes Roux
Universidade Federal de Juiz de Fora

“Devagar com o andor que o santo é de barro”: o sofrimento psíquico nas relações de trabalho no turismo de base comunitária no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG

Márcio José de Moraes Oliveira [1]

RESUMO

Os trabalhadores do turismo convencional são muitas vezes acometidos por adoecimento em decorrência da execução de práticas laborais rígidas e repetitivas, via de regra, com o objetivo da obtenção de lucros para os empreendedores do setor. Por outro lado, o trabalho no turismo de base comunitária (TBC) geralmente é dotado de maior flexibilidade em suas práticas, e nesse sentido, o presente estudo de caso analisou se essas práticas e a organização do trabalho em TBC no território do Vale do Matutu, Aiuruoca, MG se associam aos sofrimentos psíquicos percebidos por seus trabalhadores. O estudo teve como objetivos avaliar quais condicionantes contribuíram para o sofrimento psíquico dos trabalhadores em TBC no território do Matutu, determinar os mecanismos psicodinâmicos envolvidos e identificar possibilidades que contribuam para a promoção de saúde mental de seus trabalhadores. A pesquisa é de natureza qualitativa e abordagem exploratória, tendo sido recrutados como respondentes, trabalhadores do turismo comunitário do Matutu que se encontravam disponíveis. Os resultados e análises permitiram concluir que os condicionantes de sofrimento psíquico se relacionam a aspectos de mudanças no formato da hospedagem, de comportamentos de enfrentamentos (disruptivos) promovidos por visitantes, da sazonalidade, de fragilidades na governança, competitividade e comunicação turísticas. Os mecanismos psicodinâmicos implicados foram melhor evidenciados pela teoria da psicodinâmica do trabalho na qual os sofrimentos experimentados não foram suficientes para migração ao polo psicopatológico (adoecimento), provavelmente em decorrência dos mecanismos de defesa psíquica, mas que na manutenção dos condicionantes de sofrimento adquirem o potencial de no decurso temporal fragmentar a homeostase psíquica. Como possibilidades que contribuem para a promoção da saúde mental dos trabalhadores de TBC no Vale do Matutu um respondente apontou para uma modalidade de “turismo filosófico” no território como uma prática movida por propósito e outros respondentes tocados pela presente pesquisa mencionaram sobre a importância da criação de espaços coletivos nos locais de trabalho que permitam reflexões sobre si, seus sentimentos e sofrimentos relacionando-os com a organização de suas práticas, em consonância com o que fundamenta a pesquisa-intervenção da psicodinâmica do trabalho em sua dimensão clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo de base comunitária; Trabalhadores; Sofrimento psíquico; Psicodinâmica do trabalho.

---

[1] Especialização em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: 55320805691@estudante.ufjf.br, Orientadora: Profª M.ª Luciana Bittencourt Villela

ABSTRACT

Workers in convencional tourism are often afflicted by illness as a result of performing rigid and repetitve labor practice, generally with the aim of generating profits for entrepreneurs in the sector. On the other hand, work in Community-Based Tourism (CBT) is usually characterized by greater flexibility in its practices. In this sense, the present study of case analyzed whether these practices and the organization of work in CBT in the territory of Vale do Matutu, Aiuruoca, Minas Gerais, are associated with the psychological suffering perceived by its workers. The study aimed to evaluate which factors contributed to the psychological suffering of workers in CBT in the Matutu territory, to determine the psychodynamic mechanisms involved, and identify possibilities that could contribute to the promotion of mental health of its workers. The research is qualitative in nature and has an exploratory approach, and with respondents being recruited from community tourism workers in Matutu who were available. The results and analyses allowed the conclusion that the determinants of psychological suffering are related to aspects of changes in the format of accommodation, to coping behaviors (disruptives) promoted by visitors, to seasonality, and to weaknesses in governance, competitiveness, and tourism communication. The psychodynamic mechanisms involved were better evidenced by the theory of the psychodynamics of work, in which the sufferings experienced were not sufficient to migrate to the psychopathological pole (illness), probably due to psychic defense mechanisms. However, if the conditions that generate suffering persist, they may, over time, fragment psychic homeostasis. As possibilities that may contribute to the promotion of mental health among CBT workers in the Vale do Matutu, one respondent pointed to a form of “philosophical tourism” in the territory as a practice driven by purpose, and other respondents engaged by the present research, mentioned the importance of creating collective spaces in workplaces that allow reflection on oneself, one’s feelings, and one’s suffering, relating these to the organization of their practices, in accordance with what underpins intervention research in the psychodynamics of work in its clinical dimension.

KEY-WORDS: Community-Based Tourism; Workers; Psychological suffering; Psychodynamics of work

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO 7
2 - A QUEBRA DA HOMEOSTASE: QUANDO A DEFESA SE TORNA ATAQUE 11
3 - O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: AS CONTRADIÇÕES EM SEU FAZER LABORAL 13
4 - ENTRE A CRUZ E A ESPADA: O SOFRIMENTO PSÍQUICO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO TBC 15
5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 17
6 - RESULTADOS E ANÁLISES 21
6.1 - O TURISMO NO VALE DO MATUTU SOB A ÓTICA DE SEUS TRABALHADORES 21
6.2 - O MAL-ESTAR REFERENCIADO À PRÁTICA DO TRABALHO NO TURISMO COMUNITÁRIO DO MATUTU 27
6.3 - A PSICODINÂMICA DO TRABALHO APLICADA AO TBC NO MATUTU: DA POSSIBILIDADE DE ADOECIMENTO À SAÚDE MENTAL CRIATIVA 30
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 32
REFERÊNCIAS 35
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 38
APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) 39

1 - INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) opera práticas de trabalho que se processam em territórios adscritos por suas características espaciais, socioculturais e de seus modos de vida, permitindo dessa forma, conferir aos turistas, visibilidade das dinâmicas locais e a apreensão de experiências, minimamente, inovadoras e diversas do que, de modo geral, compõe seus cotidianos.

A transposição de portais simbólicos se faz presente em quaisquer experiências turísticas, ao se adentrar “um outro mundo”.

Nessa experiência imersiva, o fluxo do sujeito turista pelo território dependerá de suas motivações, de sua estrutura intelecto emocional e da hospitalidade, aqui tomada como parte de um processo laboral, ofertada por seus anfitriões, no caso do TBC, pelos comunitários.

Pode-se deduzir que haja uma primeira condição conflituosa quando ao receber o turista, o anfitrião comunitário, no exercício de seu ritual de hospitalidade, mescle sentimentos ambivalentes, pois ao mesmo tempo que recepciona o hóspede-visitante do ponto de vista doméstico, também o faz com o objetivo comercial.

Segundo Fois-Braga (2021), se a hospitalidade é uma questão de ultrapassar fronteiras, de relação entre dentro - fora, de territorialidades ocupadas e invadidas, então, é de se esperar que a porta da casa seja o arquétipo de toda a discussão que se dá sobre a mesma e que nessa acolhida muitas vezes idealizada como um relacionamento positivo e harmônico, também se apresente certa dose de hostilidade, necessária para a construção de laços sociais mais efetivos.

Como o TBC não é um conceito pronto e acabado em si mesmo, talvez permita uma maior flexibilidade nos processos de trabalho, diferentemente do turismo convencional que se opera por maior formatação em seus processos de trabalho, com normas e fluxos mais previamente determinados e rígidos.

Muitas patologias ligadas as relações dos trabalhadores com os processos de trabalho residem desse “engessamento”, que não permite aos mesmos exercerem suas capacidades criativas, suas aptidões e talentos, suas singularidades, seus posicionamentos como atores políticos, determinando adoecimento a partir de um contínuo assujeitamento nos sujeitos.

Num passado próximo houve uma verdadeira epidemia de trabalhadores com lesões por esforços repetitivos, doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho (LER/DORT) e acreditava-se que eram, exclusivamente, provenientes à microtraumas originados por movimentos repetitivos, porém após estudos estabeleceu-se como principais nexos causais a presença de estressores no ambiente laborativo, associada à execução de funções monótonas e repetitivas, próprias de processos de produções seriadas desempenhadas durante o cumprimento das jornadas de trabalho.

Chiavegato Filho e Pereira Junior (2003) relatam que a partir da multifatorialidade etiológica e dos modelos explicativos atualmente vigentes, propõem-se que uma abordagem integradora de fatores biopsicossociais envolvidos na gênese e evolução das LER/DORT, apontam para a transição de fatores isolados para a consideração de formas dinâmicas de interação desses fatores, possibilitando a evolução de um modelo multidisciplinar para outro transdisciplinar.

Alves (2021) relata que os requisitos para a execução de tarefas, em ritmo acelerado, podem embaraçar as habilidades do trabalhador, compondo exigências materializadas em normas, prescrições e um conjunto de procedimentos a que os trabalhadores devem obedecer, culminando com desgastes físicos e psíquicos que têm nexo claro com a organização e as condições de trabalho despersonalizante.

A autora menciona, ainda, que esse processo mórbido não se efetiva para atender as necessidades sociais, de desenvolvimento humano, mas para a valorização de unidades de capital com foco na acumulação.

De acordo com Mendonça (2017), o indivíduo degrada sua saúde para produzir e valorizar capital, levando a inevitável reprodução do processo de acumulação de capital que gera o pauperismo e que por fim produz adoecimento para os trabalhadores em outras dimensões da vida devido aos novos hábitos culturais e comportamentos adotados para se adaptar a sociedade.

Nesse sentido, o turismo quando praticado em obediência à lógica do mercado tem cada vez mais investido no marketing e na implementação da segmentação dos produtos turísticos dele derivados, fatiando a demanda ao criar verdadeiros nichos, de modo geral, com a finalidade última da obtenção exclusiva de lucros, o que ao ser percebido como pressão por resultados por seus trabalhadores, ocasionam diversos níveis de sofrimento que podem desencadear seus singulares processos de adoecimento.

Por outro lado, a segmentação turística deve ser compreendida a partir de seu sentido amplo, em conformidade com Tadioto e Campos (2021), ao integrar uma rede de saberes que possa compor o enlace entre fatores sociológicos e antropológicos a partir da definição de grupos sociais com características e modos de vida específicos, fatores psicológicos no que tange às questões motivacionais e comportamentais, tratando o turista e a comunidade local a partir do conceito de indivíduo, fatores geográficos delimitando espaços, fluxos e lugares e fatores econômicos através da observação e níveis de renda, poder aquisitivo e disposição para gastos.

Porém, Moraes *et al.* (2020) apontam para uma análise crítica sobre algumas questões controversas nos debates sobre o TBC, como quando esse é entendido como uma alternativa em substituição ao turismo de massa, o que tende a fragmentá-lo a leitura dos seus efeitos em uma economia de mercado global, reduzindo-o a um negócio orientado para a recepção de turistas e para a geração de renda local, tensionando, assim, as relações e estratégias de defesa do território tradicional.

A nível das políticas públicas no turismo, também há a predominância de discursos economicistas, como o que ocorreu na abertura do 8º Salão do Turismo: Conheça o Brasil no lançamento do Plano Nacional de Turismo 2024-2027, quando o vice presidente da república e também ministro do desenvolvimento, indústria, comércio e serviços, Geraldo Alckmin, ressaltou que o turismo é importante ferramenta para promoção de saúde, paz, educação, mas especialmente para a criação de emprego e geração de renda que é o grande desafio do mundo moderno. (GOV.BR, 2024).

Lima *et al.* (2022) afirmam que a concepção do TBC, traduzida nas narrativas de políticas públicas de turismo, tem sido periférica e, claramente influenciada, por inúmeros interesses e ideologias de mercado que, por sua vez são contraditórios com muitas das premissas centrais de uma prática que se constrói, exatamente como contraponto, a essa tendência global e que em um cenário pós pandemia da Covid-19, caberia a reflexão sobre o risco de que o TBC seja ainda mais instrumentalizado nas narrativas de políticas públicas, pela via do mercado, com a falsa promessa de inclusão social.

Nesse ínterim, iniciativas de desenvolvimento do turismo que se pautem sobre a identidade e o protagonismo comunitário em seu fazer, bem como seu

ordenamento territorial, constituem-se em uma dinâmica que foca na valorização da cultura local, de seus modos de vida e da geração e distribuição equânime de renda a partir de seus empreendimentos solidários e com isso, a partir de seu enquadramento dentro dessas características, o presente estudo tem como recorte espacial selecionado, o Vale do Matutu situado na zona rural do município sul mineiro de Aiuruoca e equidistante 19 Km de seu centro urbano, escolhido por se configurar como um destino que migrou de atividades econômicas quase que exclusivamente alicerçadas numa agricultura de subsistência com comercialização dos excedentes de produção para o desenvolvimento do ecoturismo graças a sua natureza exuberante e fascínio paisagístico, e que através da associação dos moradores e empreendedores locais vem ordenando e desenvolvendo o turismo local a exemplo de uma iniciativa de turismo de base comunitária (TBC).

A partir dessas realidades pretende-se saber se os processos de trabalho no turismo de base comunitária (TBC) desenvolvidos no Vale do Matutu poderiam contribuir para o sofrimento psíquico de seus trabalhadores.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivos:

Geral:

- Identificar se os processos de trabalho em TBC desenvolvidos no Vale do Matutu contribuem para o sofrimento psíquico de seus trabalhadores;

Específicos:

- Avaliar quais condicionantes contribuem para o sofrimento psíquico de seus trabalhadores;
- Determinar os mecanismos psicodinâmicos envolvidos;
- Identificar possibilidades no trabalho de TBC no Vale do Matutu que contribuem para a promoção da saúde mental de seus trabalhadores.

Justificativa:

O estudo apresenta relevância ao contribuir com o aumento da produção acadêmica que correlaciona o trabalho em TBC com os determinantes de saúde e adoecimento laboral e também por elencar elementos que subsidiem caminhos para a prevenção de transtornos psíquicos e a promoção da saúde mental dos trabalhadores de TBC no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG.

Por se tratar o TBC de uma prática turística que vem na contemporaneidade cada vez mais angariando novas iniciativas e dadas as suas características de elencar o protagonismo comunitário em seu planejamento e gestão como forma de

promover o desenvolvimento territorial, torna-se importante estudar os determinantes implicados na gênese do sofrimento psíquico experimentado por seus trabalhadores no exercício de seu fazer laboral.

Muitas iniciativas de TBC, sucumbem precocemente, e nesse sentido a investigação do presente estudo de caso, pretende trazer pistas a partir dos resultados e análises que correlacionem o estágio atual de (des)envolvimento da iniciativa do turismo de base comunitária (TBC) com achados clínicos ou subclínicos em seus trabalhadores, constituindo-se em um tema, ainda, muito incipiente na literatura acadêmica, a partir da pesquisa investigativa do autor que possui formação nas áreas médica e do turismo.

2 - A QUEBRA DA HOMEOSTASE: QUANDO A DEFESA SE TORNA ATAQUE

Quando determinados eventos considerados estranhos à natureza morfofuncional das coisas e de seus status, até então vigentes, são percebidos por quaisquer tecidos, sejam biológicos ou psicossociais, como uma tentativa de ou real invasão colocarem em risco sua integridade, diversos mecanismos são colocados em ação como defesas para sua manutenção e sobrevivência.

Quando o corpo humano é invadido por microrganismos ou corpos estranhos, o organismo através de seu sistema de reconhecimento intrínseco, permite a identificação do que venha a ser considerado como *selfie* (constitutivo do seu corpo) ou *no selfie* (não constitutivo do seu corpo), sistema esse denominado imunológico que também é responsável por elencar os mecanismos fisiológicos para a defesa da integridade orgânica contra os *no selfies*.

Entretanto, algumas vezes, o sistema imunológico pode promover respostas muito exacerbadas contra agentes invasores ou tornar-se incapaz de reconhecer o que é de fato constitutivo do seu corpo (*selfie*) e mobilizar seus mecanismos de defesa para promover um verdadeiro ataque contra si mesmo, como no caso dos fenômenos alérgicos e das doenças auto imunes; por outro lado, quando o sistema imunológico deixa de reconhecer e reagir contra aqueles agentes que de fato são estranhos a sua natureza intrínseca, pode-se afirmar que o organismo tornou-se vulnerável a ação desses agentes, o que ocorre nas imunodeficiências congênitas ou adquiridas.

Costa *et al.* (2023) mencionam que o estresse acarreta inúmeras alterações no organismo, interferindo no seu funcionamento natural, afetando a homeostasia, sendo possível observar que a relação entre os sistemas neurológico, imunológico e endócrino pode ser afetada por fatores externos, levando ao desequilíbrio crônico que pode agir como fator desencadeador de patologias por afetar processos fisiológicos e imunológicos, incluindo a resposta inflamatória, sendo que esse desequilíbrio pode ser conhecidamente disparado e fomentado por situações de cunho social como fonte geradora de estresse.

Assim como nesses fenômenos fisiopatológicos, observam-se similitudes em relação às dinâmicas que se apresentam em vários tecidos sociais, quando segundo Jodelet (2019) ocorrem supostas ameaças a integridade social decorrentes da gênese de um pensamento social onde reúnem-se os conhecimentos assimilados a partir da transmissão educacional, dos saberes construídos sob a influência da posição social, do pertencimento cultural, da integração nos espaços de vida e ação, das conjunturas históricas, dos fluxos de informações e dos bombardeios midiáticos.

Ainda de acordo com esse autor, como respostas a essas ameaças, no plano privado, toda uma série de atitudes ou comportamentos são acionados para a elas fazerem frente, tais como a negação por meio da qual se apaga a consciência das ameaças que podem estar expostas, o desafio de seu enfrentamento para removê-las, a revolta por associação aos movimentos de cólera e reprovação coletiva sobre o cenário social, como no caso de lutas em defesa do meio ambiente e contra os riscos agroalimentares e por fim a defesa pelo estabelecimento de condutas de proteção.

De forma semelhante aos modelos biológico e social, para tentar manter a integridade mental dos indivíduos, o psiquismo lança mão dos mecanismos de defesa do eu.

A psicanálise traz enormes contribuições para o entendimento desses mecanismos de defesa do eu, diante de acontecimentos e fatores que geram sofrimento, podendo ser representados por dez tipos que são a negação, a repressão, a projeção, a formação reativa, a racionalização, a regressão, o deslocamento, a sublimação, a intelectualização e a compensação.

Assim, a homeostase deve ser entendida a partir de seu sentido amplo, concebida em suas dimensões orgânica, psíquica e social, adquirindo relevante centralidade para a compreensão dos esforços empreendidos pelos diversos

mecanismos de defesa elencados para a manutenção de seu equilíbrio interno e dinâmico e enfrentamento às ameaças percebidas.

3 - O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: AS CONTRADIÇÕES EM SEU FAZER LABORAL

Ao se analisar as dinâmicas funcionais que envolvem o trabalho no TBC, observa-se dois importantes momentos que nele se processam, fazendo parte de sua natureza ontológica e, portanto, sem os quais deixariam de conferir-lhe sentido.

Refiro-me aos rituais de hospitalidade e ao trabalho em rede e as redes por onde fluem o trabalho, e que naturalmente em se tratando de vivências humanas e coletivas, são passíveis de conflitos e contradições, mas que de certa forma e até certo ponto, não só se equilibram como também se aperfeiçoam através de mecanismos auto regulatórios.

Contudo, quando tais mecanismos não se processam ou falham, emergem diversos elementos que colocam em evidência quadros disruptivos nessas redes, além do sofrimento de seus trabalhadores a partir do exercício das práxis laborais e dos rearranjos disfuncionais elencados nesse desenho.

Segundo Camargo (2021a), uma das leis que rege a hospitalidade é a que se refere a assimetria, na qual o hóspede deve respeitar o direito do anfitrião ao espaço, assim como na dádiva e ao oferecer sua casa ao primeiro, não cabe a esse entendê-la senão como uma cortesia, existindo uma barreira, mesmo que invisível que delimita o espaço de deslocamento do hóspede pelo território, sendo sua transgressão chamada de intrusão.

Relata Camargo que os benefícios econômicos do turismo o colocam na pauta das prioridades econômicas das nações, regiões e municípios, sendo o turista desejado e sua visita estimulada, mas a hospitalidade oferecida na realidade é encenada, uma metáfora da verdadeira hospitalidade ou mero disfarce de natureza mercantil, ou seja, se para o morador local, o turista endinheirado age como um conquistador em terra arrasada, para o turista o morador local não passa de um explorador.

Uma das diretrizes contidas na política nacional do turismo de 2008 (UFRN, 2023) diz respeito ao incentivo e promoção à criação de Redes de TBC e fortalecimento das já existentes como importantes canais e espaços de diálogo,

articulação e troca de experiências, saberes e conhecimento, propiciando representatividade dessas redes nas arenas políticas do turismo.

Essa diretriz se relaciona intimamente com o exercício de micropolítica e com a noção de empoderamento e que segundo Berth (2019), citando Freire, “deve partir do desenvolvimento de uma consciência crítica profunda, processo através da qual as pessoas adquirem a compreensão cada vez maior e mais eficiente das condições socioculturais e políticas que incidem e moldam suas vidas para além das limitações sociais básicas e da extensão de sua capacidade de alterar de maneira lúcida essas condições”.

Essa autora faz menção, ainda, a que ter poder não é ter representatividade, pois ter poder pressupõe que se está no domínio das dinâmicas organizacionais da sociedade.

Castells (1996), relaciona as redes a mecanismos de poder, do capital e do trabalho, sendo que para ele, as redes constituem a morfologia social de nossas sociedades, sendo que a difusão de suas lógicas, modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos, de experiência, do poder e cultura, sendo o poder de seus fluxos mais importantes que os fluxos do poder, sendo as redes instrumentos apropriados para a economia capitalista, baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada, para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade, para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas, para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo.

Contrariamente a essa concepção de redes como determinística para a apropriação capitalista, o TBC propõe, segundo Conti e Antunes (2020), que a sustentabilidade do turismo a longo prazo depende de sua capacidade em promover o desenvolvimento socioeconômico local e nesse sentido distribuir de maneira mais equitativa os resultados econômicos das práticas turísticas, além de promover a auto gestão, na medida em que o poder sobre os meios de produção e o território é atribuído a própria população, sendo que esse princípio de organização popular faz do TBC bem como da economia solidária, um fenômeno que mescla iniciativas de cunho econômico com características de um movimento social.

Por outro lado, Marconsin (2008) aponta que a economia solidária sempre irá conviver com o potencial aliciador da economia de mercado, que frequentemente

apropria-se de espaços criados pelos trabalhadores, introduzindo mecanismos deformadores dos princípios norteadores dos empreendimentos solidários, seja através da compra desses empreendimentos ou de um processo de sedução dos membros para práticas capitalistas.

Esse autor relata que a premissa na qual a economia solidária não se caracterize como complemento ou subordinação às economias dominantes não pode ser dada como definitiva, dependendo da força econômica, social e política que os sujeitos constitutivos do movimento, em especial os empreendimentos solidários, irão conquistar com o tempo e nesse interstício, pode-se afirmar que a busca do equilíbrio entre uma prática de pessoalidade e de coletividade e, portanto, de senso organizativo, não se constitui em tarefa fácil, pois as relações pessoais em que seus atores, que são ao mesmo tempo sócios e trabalhadores, são complexas.

O tensionamento é contínuo nessas dinâmicas, a exemplo de um cabo de guerra em disputa entre seus polos, de um lado a resistência através dos princípios de solidariedade e por outro o sistema avassalador de persuasão do capital, tensão que quando ultrapassa os seus mecanismos auto regulatórios pode ser determinante na gênese de sofrimento social, físico e psíquico.

4 - ENTRE A CRUZ E A ESPADA: O SOFRIMENTO PSÍQUICO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO TBC

Os limites entre o que venha a ser considerado “normal” e patológico são muito tênues, passando despercebidos, na maior parte das vezes, pelos diversos atores territoriais ou extraterritoriais, entretanto a partir da vigilância aplicada aos processos laborais no TBC, é possível se atentar para quadros disfuncionais e disruptivos que impactam suas dinâmicas.

Para Dejours (2006), o sofrimento no trabalho, ignorado diante das injustiças sociais, está por vezes escondido atrás do que se chama de vitrine do progresso sem valor e significado heurístico, visibilizado somente em caráter excepcional.

Moraes e Santos (2025), relatam que o que diferencia o sofrimento saudável do sofrimento patológico, não é sua presença ou ausência, mas a maneira como ele é elaborado e integrado pelo indivíduo e pelo coletivo do trabalho, assim, a partir dessa perspectiva deve-se (re)conceituar o que venha a ser sofrimento no trabalho, diferenciando-o do adoecimento, ressaltando o potencial criativo e estruturante do

primeiro e apontando para que o objetivo para a promoção da saúde mental não deva basear-se em sua prevenção, mas sim na mediação de suas expressões para evitar que ele se torne patológico.

O adoecimento que se processa nessas relações deve ser compreendido não a partir do reducionismo cartesiano na simples equação de causa e efeito, mas a partir de uma epistemologia que leve em consideração a complexidade e abordagem sistêmica nas imbricações que se estabelecem no território, concebido como um sistema vivo que continua e sucessivamente se desorganiza e reorganiza, buscando equilibrar-se.

Nesse sentido, o território passa a ser entendido como uma unidade de análise, assim como as relações que internamente se estabelecem em suas dinâmicas e mesmo extrapolam seus limites.

A título de defender o território muitas vezes se instala um movimento de turismofobia e que segundo Conceição (2019) se origina do imaginário coletivo voltado ao turismo, propagado por representações muitas vezes estereotipadas e rasas, como produto da fetichização e espetacularização nas quais a atividade turística está envolta, combinada com um imaginário social que volta suas interpretações para o papel do turista, considerando-o um inimigo a ser combatido.

Camargo (2015) menciona que os domínios da hospitalidade acontecem na realidade nos interstícios de um cotidiano e de uma história marcada pela inospitalidade quando não pela hostilidade e dessa forma a hospitalidade mais que um fato observável, é uma virtude que se espera quando se defronta com o estranho, alguém que ainda não é, mas deve ser reconhecido como o outro e que nesse produto derivado do encontro poderá resultar em estreitamento ou esgarçamento do vínculo social de início buscado.

Dessa forma as relações entre anfitriões e hóspedes, são revestidas de tensionamentos e colocam em evidência ao que Camargo (2021b) se refere em que a hospitalidade sempre escondeu um paradoxo, que embora despida de interesse que não o de bem receber/ser bem recebido, não exige, mas supõe a retribuição e a compensação por parte do outro, sendo, por isso, ao mesmo tempo livre e obrigatória, havendo ainda uma outra fonte de armadilhas nessa dança de dar, receber e retribuir, mostrando-se também competitiva quando sob o signo da solidariedade, um quer vencer o outro, fenômeno conhecido como *potlatch*, onde

ambos atores, anfitrião e hóspede, competem pela capacidade de generosidade, pelo requinte, pela retórica, pela elegância, pela beleza ou mesmo pela ausência.

As vulnerabilidades elencadas nesse complexo ritual servem de substrato para os sofrimentos experimentados por comunitários, porém segundo Santos (2022), o início do sofrimento dá-se diante da incapacidade do trabalhador em modificar seu lugar de insatisfação e ansiedade quando forem esgotados os meios de defesa em relação à organização do trabalho, pois as estratégias defensivas servem para distanciar os riscos de possíveis fracassos.

Essa autora relata ainda que enquanto os transtornos são constructos fundantes em quadros patologizados, o sofrimento psíquico dos trabalhadores não está associado à decomposição psicopatológica ou ruptura do equilíbrio psíquico e sim a uma vivência intermediária entre a saúde e a doença, ocorrendo no campo do pré patológico, resultado das insatisfações do trabalhador em relação à organização e ao conteúdo significativo do trabalho, não se desvinculando do conhecimento científico sobre os sintomas e devidos tratamentos em momentos de crise, sendo que a identidade preserva a saúde mental, portanto os sofrimentos e prazeres são cravados na experiência de reconhecimento ou falta dele, pois todo trabalhador investe paixão, energia e esforço para lutar contra a desestabilização psíquica iminente em função das pressões existentes no campo do trabalho.

5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada tem caráter exploratório e abordagem qualitativa por buscar a resposta para questões muito particulares de uma realidade social as quais não podem ser quantificadas (Minayo, 1994).

A pesquisa foi desenvolvida com base em um estudo de caso, uma vez que buscou uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real e que partindo dessa premissa, recaiu a escolha metodológica para o presente estudo, que correlaciona o sofrimento psíquico em trabalhadores do turismo comunitário na localidade do Vale do Matutu em Aiuruoca – MG, sendo, ainda, a escolha corroborada pelo fato de que o método, segundo Bressan (2000) tem sido amplamente utilizado em muitos estudos de campo em situações nas quais o fenômeno estudado não pode ser manipulado, mas onde é possível se fazer observações diretas, entrevistas sistemáticas e mesmo levantamentos,

especialmente quando se procuram explicações aprofundadas sobre o fenômeno estudado.

Foram realizados levantamentos bibliográfico e documental nas plataformas Lilacs, Scielo, Periódicos da Capes, Google Acadêmico e documento da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e de Turismo da Prefeitura de Aiuruoca, tendo sido utilizadas as palavras chaves: turismo de base comunitária, trabalhadores, hospitalidade, sofrimento psíquico, psicodinâmica do trabalho e considerados os principais autores para a construção teórica do trabalho: Camargo (2015); Conceição (2019); Dejours (1996); Domingues (2011); Heloani (2004) e Marcosin (2008).

A caracterização do objeto de estudo é o Vale do Matutu, situado no município de Aiuruoca, cujo nome se origina da união de duas palavras em Tupi-Guarani que são Ajuru que significa “papagaio de peito roxo” e Oca que significa casa, ou seja, é a casa do papagaio que faz alusão ao imponente Pico do Papagaio, considerado o principal atrativo da cidade sul mineira, bem como suas cachoeiras, sendo a sede da Instância de Governança Regional (IGR) Terras Altas da Mantiqueira (Governo Municipal de Aiuruoca, 2022)

Figura 1: Pico do Papagaio



Fonte: autor (2026)

O município apresenta área territorial de 649.680 Km², população de 6.233 pessoas, índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,668 e produto interno bruto (PIB) per capita de R$ 24.774,89 (IBGE, 2022).

A pesquisa de campo ocorreu nos dias 28 e 29 de janeiro de 2026 junto à comunidade rural do Vale do Matutu, Aiuruoca - MG, escolhido por se tratar da localidade onde se iniciaram as práticas turísticas após o declínio da agricultura de subsistência e apresentar as características de uma iniciativa de TBC devido o desenvolvimento endógeno do turismo local e o ordenamento das práticas turísticas por meio da associação de seus moradores, a Associação de Moradores e Amigos do Matutu (AMA Matutu).

Os empreendedores locais do turismo são constituídos pelos guias, artesãos, proprietários de pousadas e restaurantes, e por isso foram escolhidos, por serem atores implicados (*stakeholders*) no fazer turístico local e indicados por um associado da AMA Matutu e uma proprietária de pousada para serem os respondentes da pesquisa, tendo sido recrutados 5 (cinco) respondentes por conveniência, por estarem disponíveis e aceitarem suas participações nas entrevistas.

As dificuldades relativas ao recrutamento dos respondentes, deu-se em função dos mesmos não se encontrarem em um espaço geográfico com maior proximidade entre eles e que não permitiu um maior número de voluntários para a realização das entrevistas, além das condições desfavoráveis do solo que se encontrava bastante encharcado devido às chuvas constantes, prejudicando o deslocamento do pesquisador no curto prazo de tempo dedicado à realização das entrevistas, além da queda do fornecimento de energia elétrica por muitas horas.

O financiamento das despesas com os materiais para registros das entrevistas, estadia, alimentação e abastecimento do veículo foram custeadas com recursos próprios do pesquisador.

Pela ausência de tempo hábil para submissão da presente pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/PROPP/UFJF) e por tratar-se de um Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional da UFJF, houve a anuência da coordenação do referido curso para, nessa impossibilidade, confeccionar-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constando de duas vias, ficando uma de posse do pesquisador e outra do respondente após a leitura, aceite do último e assinatura de ambos.

No sentido de se evitarem as identificações dos respondentes, foi solicitado a cada um que escolhesse um pseudônimo que não se configurasse como diminutivo ou aumentativo de seu nome próprio, sobrenome ou apelido.

As entrevistas foram individuais e semiestruturadas e não houve a estipulação de um tempo máximo para as narrativas de cada respondente.

Foram confeccionadas questões referentes a como eles percebem o turismo no Vale, como a prática vem se desenvolvendo, quais os aspectos positivos, quais os aspectos negativos, sugestões para sua manutenção ou melhorias, como se percebem no turismo local, quais impactos o turismo trouxe para suas vidas, e se em algum momento perceberam alguma relação do seu trabalho com impactos na sua saúde.

A seguir solicitou-se os dados sociodemográficos de cada respondente com informações sobre idade, gênero, raça, estado civil, escolaridade, profissão e renda, e dessa forma privilegiou-se a diversidade na coleta dessas variáveis, garantindo com isso, apesar do pequeno número de respondentes, uma maior representatividade de seu público.

Quadro 1: Dados sociodemográficos.

PSEUDÔNIMO	IDADE	GÊNERO	RAÇA	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA
HENRIQUE	57 anos	Masculino	Indígena	Casado	Ensino Fundamental incompleto	Guia de turismo / Auxiliar de hospedagem	2 salários mínimos
MATUTINO	64 anos	Masculino	Branca	Casado	Ensino Médio completo	Produtor rural / Proprietário de pousada	1 salário mínimo
TUPI	43 anos	Feminino	Branca	União Estável	Ensino Superior incompleto	Gerente de loja de artesanatos / Musicista	1 salário mínimo
ISAIAS	51 anos	Masculino	Branca	Casado	Ensino Fundamental incompleto	Recepcionista	1 salário mínimo
XAMÂNICA	53 anos	Feminino	Indígena	Divorciada	Ensino Fundamental incompleto	Proprietária de pousada e restaurante	4 salários mínimos

Fonte: autor (2026).

Os registros foram realizados de forma escrita, não sendo realizadas gravações de voz ou registros fotográficos dos respondentes.

Para as análises, utilizou-se da coleta e sistematização das informações obtidas nas entrevistas semiestruturadas por permitir a livre fluência de ideias e percepção dos entrevistados sobre seus posicionamentos ligados às dinâmicas do turismo local e dos impactos sobre suas vidas e saúde.

Os resultados e análises foram sistematizados a partir de 3 (três) categorias, sendo a primeira relacionada ao debate sobre como o turismo vem se desenvolvendo no Vale, suas controvérsias e tendências, a segunda em como os trabalhadores do turismo no Vale percebem os impactos da atividade sobre suas vidas e saúde a partir de suas práxis laborais e a terceira e última promove um debate a partir da psicodinâmica do trabalho analisando como o mesmo pode tornar-se fonte de adoecimento ou de prazer, a partir dos sofrimentos percebidos.

A escolha dessas categorias de análises foi motivada por permitir, a partir das narrativas dos respondentes, mesmo daquelas que não se reproduziram de forma sistemática, o alcance dos objetivos geral e específicos do estudo de caso, quando submetidas ao referencial teórico desenvolvido no escopo deste trabalho.

6 - RESULTADOS E ANÁLISES

6.1 - O TURISMO NO VALE DO MATUTU SOB A ÓTICA DE SEUS TRABALHADORES

O Vale do Matutu é um bairro rural do município de Aiuruoca – MG, situado no entorno do Parque Estadual da Serra do Papagaio, cujos primeiros moradores, acredita-se tenham chegado com a atividade mineradora no final do século XVIII e posteriormente com a expansão da cafeicultura, em meados do século XIX, organizaram-se em fazendas para o cultivo do café e mais tarde para a prática da pecuária bovina e da agricultura de subsistência (Domingues, 2011a).

Porém, esse autor faz menção que a partir da década de 1980 o local passou por um processo de transformação com a chegada de moradores de origem urbana e a criação da Área de Proteção Ambiental da Mantiqueira que impôs um novo modelo de uso e ocupação do solo, limitando as formas tradicionais de pastos e roçados, que passaram a ser veementemente coibidas pelo poder público e pelos

novos moradores, os quais tenderam a valorizar, cada vez mais, as áreas de matas e a favorecer o processo de antigas áreas devastadas pela pecuária bovina, sendo que muitos antigos moradores migraram para centros urbanos, tornando o cenário propício para o desenvolvimento do turismo.

O respondente Matutino relatou que o turismo começou a ser efetivamente ordenado a partir da criação da Associação de Moradores e Amigos do Matutu (AMA Matutu) há cerca de 30 anos, sendo que a entidade, dessa forma, agrega sua função social ao se ater aos aspectos do bem-estar comunitário de seus moradores associado ao desenvolvimento sustentável do turismo no território.

A AMA Matutu é uma organização não governamental (ONG) declarada de utilidade pública (Lei nº 25.789/2026).

Em sua narrativa, Matutino teceu apontamentos sobre o estabelecimento de um trabalho de grande cooperação interna no território do Matutu entre a AMA, os pequenos empreendedores do turismo e os moradores no sentido de preservar a identidade comunitária e ambiental, todavia, sem o engajamento e o associativismo de muitos proprietários de segundas residências em prol das demandas da comunidade.

Contudo, apesar da omissão de alguns proprietários e moradores, pode-se afirmar que o turismo no Vale do Matutu é de fato comunitário e em acordo com Domingues (2011b) não se desenvolve de outra forma senão acompanhando os rumos do desenvolvimento comunitário que acontece quando o conjunto de atores sociais e atividades sócio econômicas presentes convergem no sentido de satisfazer além dos interesses individuais, as necessidades coletivas da comunidade, essa entendida a partir de uma dinâmica social constante, uma interatividade que seja capaz de mobilizar as pessoas em torno de um interesse comum onde seja desenvolvida a consciência do “ser comunitário” que para além de participar tenha a sensação de pertencer, ser parte da comunidade.

Matutino fez menção, ainda, a que a manutenção de limpeza das trilhas e das matas circundantes das cachoeiras são realizadas pela Associação e que o território conta ainda com a cooperativa de produtores locais que se associa ao Armazém do Matutu, com a escola comunitária (Escola Serra do Papagaio), com o receptivo para os visitantes e turistas, com o mercado, com a loja de artesanatos (Loja do Paiol) e com o Casarão do Matutu, construção datada de 1904, que abriga a sede da AMA e se configura como um atrativo muito visitado, mas que no momento, está com o

acesso ao seu interior impedido pelo Corpo de Bombeiros como medida de prevenção a acidentes em virtude de estar muito deteriorado, necessitando reforma e restauração.

Figura 2: Pesquisador com Casarão do Matutu ao fundo



Fonte: autor (2026)

Com relação ao apoio ao turismo por parte do ente municipal, esse praticamente inexiste, fato que o pesquisador do presente trabalho teve a oportunidade de constatar quando de sua passagem pelo centro de informações turísticas de Aiuruoca, onde um servidor relatou que o turismo realizado no Vale não é de competência da Secretaria de Turismo, por tratar-se de “iniciativa de cunho particular” e que na visão do respondente Matutino pode ser devido a conflitos pela gestão do turismo no território ser uma iniciativa endógena (autogestão).

Dessa forma, percebe-se uma fragilidade da governança turística através do conflito de interesses e que segundo Coutinho e Nóbrega (2019), apesar da governança turística sinalizar uma série de benefícios, baseada em relações de cooperação, elas não estão desprendidas de relações de poder, que estão na essência da sociedade e da organização estatal, sendo que o turismo, dessa forma, impõe inúmeros desafios em razão de suas peculiaridades, principalmente por se tratar de um fenômeno que ora tem interesses privados visando vantagem pessoal,

ora necessita de ações compartilhadas, principalmente no destino ou entre destinos turísticos.

Contudo, apesar dessas controvérsias os respondentes da pesquisa foram unânimes em elencar que o turismo local é muito importante para o desenvolvimento econômico, cultural, ambiental e social no Vale do Matutu, sendo um importante vetor de geração de renda para os empreendedores locais proprietários de pousadas, restaurantes, guias, comerciantes do mercado e da loja de artesanatos.

Entretanto, durante a pandemia de Covid-19, período extremamente crítico com importante declínio do setor turístico no Vale do Matutu, o respondente Henrique fez menção às dificuldades enfrentadas pelos empreendedores locais que precisaram desenvolver outras atividades para suas subsistências, sendo que na retomada do turismo na pós pandemia, os respondentes relataram que o setor de hospedagem veio progressivamente sofrendo mudanças em seu formato, sendo a hospedagem em pousadas substituída pela locação de chalés disponibilizados através da plataforma *Airbnb*, o que em suas percepções, não gera nos visitantes uma imersão mais autêntica junto à comunidade, estando descolada da cultura e da história local, principalmente dos antigos moradores.

O respondente Matutino fez menção que a modalidade de hospedagem via *Airbnb*, se configura como um modelo que confere lucro, prioritariamente, para os proprietários de segundas residências, moradores em outros centros urbanos, não contribuindo para a geração e distribuição de renda para os empreendedores do turismo local, além daqueles não possuírem interesse em participar das dinâmicas associativas dos moradores do Matutu.

Segundo Ricci-Cagnacci e Rossi (2021), o turismo tem acompanhado o ritmo da tecnologia e nesse sentido estão surgindo novas formas de receber pessoas, sendo que entre essas destaca-se a *Airbnb* que é uma plataforma de economia compartilhada que insere a população comum como provedora desses meios e intermedia a relação hóspede-anfitrião e com o crescimento e abrangência da plataforma, pode-se dizer que ao proprietário, uma residência secundária não significa apenas garantia de alojamento, mas também oportunidade de investimento, uma vez que seu sucesso aponta para esse nicho de negócio ao propiciar renda extra para si e para o hóspede que procura um espaço diferente da tradicional estadia, a oferta de um espaço de liberdade de estar longe da hospitalidade vigiada e controlada.

Os respondentes relataram, ainda, que outra tendência muito corriqueira nesse tipo de hospedagem é a permissão da presença de animais domésticos tutelados pelos turistas (*pet friendly*), o que muitas vezes, causa transtornos quando esses animais circulam sem coleiras e guias, o que não é permitido pela Associação de Moradores e Amigos do Matutu, pois trata-se de área de natureza preservada incluindo sua rica fauna silvestre e destinada à contemplação de sua paisagem, sendo que esta transgressão possibilita a ocorrência de ataques dos animais tutelados pelos turistas a outros visitantes, moradores e seus animais domésticos.

Também houve menções ao crescente aumento da visitação com a finalidade da prática do ecoturismo por trilhas e cachoeiras locais, porém na modalidade *day use*, sendo que essa tendência propicia uma interação mínima, quase que restrita à obtenção de informações no receptivo sobre a localização dos atrativos naturais do Vale e sobre o que é permitido ou não fazerem ou portarem, o que de modo geral, não desperta nos visitantes o interesse pela história e cultura do lugar.

O consumo da paisagem e do uso das áreas naturais sem uma conexão com os modos de vida e a cultura local são percebidos pelos respondentes como uma desvalorização de seu território, além de muitas vezes ocasionarem transtornos promovidos por alguns visitantes tais como quando realizam o descarte irregular de lixo produzido e apresentam comportamentos disfuncionais de embates com os trabalhadores, muitas vezes tentando induzi-los à condições de subserviência.

A paisagem local na narrativa de Matutino deve ir muito além de noções de educação ambiental, mas tornar a imersão de turistas como uma modalidade de “turismo filosófico” no qual a natureza possa ser concebida como um refúgio, um lugar sagrado que pulsa e viva em plenitude, um lugar de conexão profunda, inclusive com a vida no território.

Marujo e Santos (2012), fazem menção a que o turismo pode ser um agente de preservação, mas também um causador de mudança de cenário e elementos de paisagem, sendo essa o resultado de um processo biunívoco de conexão dos modos de vida da população e as condições impostas pela natureza.

Por outro lado, para a respondente Tupi, muitos turistas se interessam pela cultura local, solicitando informações sobre os modos de vida dos primeiros moradores da localidade antes do fornecimento da energia elétrica e de como desenvolveram suas próprias tecnologias aplicadas a vida rural, além de trocarem consigo suas histórias e saberes, estreitando os laços entre visitantes e visitados.

Para ela os eventos culturais deveriam ser mais promovidos e divulgados como no passado, salvaguardando a infraestrutura local existente para não se tornar uma atividade massiva e predatória, sendo que segundo o respondente Matutino hoje quase se resumem aos festejos de Folia de Reis que ocorrem a cada 06 de janeiro e aos festejos juninos promovidos pela escola comunitária do Matutu, proporcionando atratividade de um expressivo número de visitantes.

Segundo Marroquini (2016), os costumes tradicionais como o mutirão e grandes festas do Vale do Matutu, ocorriam como parte das relações sociais em torno da agricultura de subsistência e passaram a ser diluídos diante das emigrações que ocorreram no final do século XX do mesmo modo que os mais jovens são menos apegados aos costumes tradicionais com a terra, sendo mais inseridos no mundo do consumo, favorecendo uma maior inserção das relações de trabalho assalariado.

Henrique falou que ao guiar os turistas em passeios a cavalos, percebe grande interesse relacionado a abundante diversidade de espécies de pássaros, assim como espécies vegetais existentes no Vale e com isso sente-se valorizado em seu trabalho, contribuindo para a elevação de sua autoestima.

Xamânica relatou que os turistas que se hospedam em sua pousada e fazem as refeições em seu restaurante tem enorme conexão com a natureza e se interessam pela aquisição de ervas e plantas medicinais que comercializa como também para saber detalhes sobre curas espirituais e xamânicas, sentindo-se com isso muito valorizada, sendo que muitos turistas procuram seu estabelecimento mais para o contato consigo que para visitar os atrativos do Vale.

Porém, a respondente relatou que a procura por refeições e hospedagem da forma tradicional em pousadas, poderiam ser melhor otimizadas se houvesse uma maior comunicação através de variadas formas de *marketing*, uma vez que a procura por seus serviços ocorre através do *storytelling* referente a qualidade da experiência percebida por seus clientes fidelizados e de ferramentas digitais como na publicidade promovida em sua conta no *Instagram*.

Nesse sentido, sua preocupação é constante em manter sua atividade viável não apenas do ponto de vista econômico, visando seu sustento e dos colaboradores, como também da satisfação em continuar a bem receber, o que acaba por gerar desgastes emocionais.

Isaias relatou que o que mais confere valorização ao seu trabalho é quando ao informar sobre as normas e condições para visitação do território, os turistas as recebem de maneira bastante assertiva e se empenham em zelar pelo patrimônio natural e cultural local, porém quando é confrontado por alguns turistas de modo desrespeitoso, sente-se emocionalmente muito fragilizado.

A partir desses relatos, os respondentes da pesquisa teceram apontamentos sobre as percepções de suas práticas de trabalho sobre suas vidas e saúde.

6.2 - O MAL-ESTAR REFERENCIADO À PRÁTICA DO TRABALHO NO TURISMO COMUNITÁRIO DO MATUTU

O turismo comunitário não se constitui num conceito fechado em si mesmo, tratando-se de um constructo aplicado a determinado território imbricado por uma multiplicidade de relações socioespaciais, aqui incluídas as relações de trabalho, adquirindo dessa forma, permanente volatilidade.

Nessas dinâmicas, seus trabalhadores podem experimentar graus diferenciados de prazer ou sofrimento em suas práxis laborais e que segundo Vasconcelos e Faria (2008), embora a presença de sintomas se mostre como condição necessária para se detectar uma doença mental, sua ausência não significa a constatação de saúde mental, sendo necessário ir além da aparência do fenômeno para que se possa “escutar” o mal-estar, o sofrimento no qual ainda não há doença manifesta.

Dentre as variáveis aplicadas as *práxis* laborais no turismo do Vale do Matutu, todos entrevistados elencaram que o fator sazonalidade é extremamente penoso por desencadear uma enorme sobrecarga de trabalho, predominantemente, nos finais de semanas e feriados, gerando elevados graus de estresse e irritabilidade.

Tupi relatou que o ideal seria seu trabalho ter uma homogeneidade temporal, evitando os picos de trabalho excessivo nas altas temporadas e as incertezas nos períodos de menor procura.

Matutino e Xamânica se referiram a escassez de mão de obra para auxiliá-los em seus estabelecimentos nos períodos de maior procura, havendo a necessidade de desempenharem múltiplas tarefas o que acarreta enorme desgaste físico e mental.

Henrique relatou que nesses períodos e nos que imediatamente precedem a chegada do grande número de visitantes, é acometido por insônia e enorme preocupação em não cometer deslizes nas informações prestadas em seu guiamento, repercutindo ainda em dores musculares e articulares, o que evidencia para além do nexo causal da não ergonomia próprio de seu exercício profissional, o somatório de contraturas músculo esqueléticas de origem somatoforme.

Rangel e Godoi (2009) tecem comentários que os acometimentos psicossomáticos representam um mecanismo defensivo no qual o trabalhador converte o problema psicológico em fisiológico e isso representa a reação adaptativa à ansiedade experimentada no trabalho, sendo que a insatisfação em relação ao conteúdo significativo da tarefa gera um sofrimento cujo ponto de impacto é antes de tudo mental em oposição ao sofrimento resultante do conteúdo ergonômico da tarefa e dessa forma o sofrimento mental resultante de uma frustração em nível do conteúdo significativo da tarefa pode, igualmente, levar a doenças somáticas.

O SEBRAE (2022), conceitua o turismo sazonal como a concentração dos fluxos turísticos em uma dada época do ano, gerando os “picos” de prestação de serviços e circulação de turistas, sendo que para o ecoturismo, o aspecto sazonal de visitas é ainda mais complexo e desafiador por esse segmento permitir a aproximação dos visitantes de práticas turísticas de forma sustentável, integrando o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação, buscando a formação de consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente e promoção do bem-estar das populações, mas que na prática gera impactos e riscos para os trabalhadores do turismo, sendo alguns: a sobrecarga de visitantes nas áreas preservadas, patrimônios ecológicos e acervos culturais, restrições da contratação, treinamento e revisão de pessoal para a época de pico e queda brusca nas oportunidades de trabalho e renda para a época de baixa temporada e tendência a menor profissionalização da rede de apoio ao visitante e de multisserviços.

Partindo da premissa que os trabalhadores do turismo comunitário são, em sua maioria, simultaneamente os empreendedores e executores de seus próprios “negócios”, pode-se inferir que suas auto cobranças pelo sucesso de seus empreendimentos no turismo são extremamente altas e que segundo Claro (2002), as condições de vida dos trabalhadores sofrem mudanças em função da sazonalidade no turismo, sendo que a moradia, o tempo livre disponível, as perdas de renda individual e familiar, a variabilidade do convívio com a família, o aumento

da jornada de trabalho, a inadequação das pausas, a ausência de folgas e a falta de lazer criam ou aumentam o clima de insegurança e dessa forma quando um indivíduo sente-se indefeso frente a uma situação pode ser levado a uma situação de desamparo, sendo possível estabelecer uma relação entre a variabilidade e a instabilidade da vida desses trabalhadores e uma situação de incontrolabilidade e deduzir-se que a variabilidade das condições de vida dos trabalhadores influi na saúde e no comportamento dos mesmos.

Outro ponto que foi muito enfatizado nas entrevistas, disse respeito a diminuição da demanda turística que o Matutu vem tendo, principalmente após o período da pandemia de Covid-19 quando comparada a outros distritos rurais de Aiuruoca, como no relato de Isaias, que são as comunidades de Nogueira, de Cangalha e do Garcia, comparando essa última ao “Matutu de outrora” e que vem assumindo importante protagonismo no turismo de Aiuruoca.

Essa narrativa diz respeito a como o território do Matutu vem apresentando uma queda progressiva em seu posicionamento no turismo em Aiuruoca após o período da crise pluridimensional decorrente da Covid-19, apontando para um declínio em sua competitividade.

Segundo Monteiro (2014), a competitividade de um destino turístico é a capacidade para satisfazer de forma mais eficaz e eficiente (eficiência econômica e ambiental) as necessidades dos fluxos turísticos, preservando as próprias qualidades territoriais e contribuindo para melhorar o bem-estar atual e em perspectiva da comunidade local.

Embora todos tenham atribuído a importância do turismo para o desenvolvimento dessas localidades rurais, não deixaram de expressar preocupação com a crescente diminuição da demanda turística no local, pois todos dependem da geração de renda proveniente do turismo para seus sustentos, exceção feita a Tupi que também é musicista, porém com íntimas relações dessa atividade com apresentações nos estabelecimentos turísticos locais.

No campo do turismo, é bastante contemporânea e eficiente a competitividade na qual a cooperação entre destinos esteja presente, a chamada coopetição, o que poderia ter enorme aplicabilidade à realidade do turismo comunitário do Matutu e dos demais distritos rurais de Aiuruoca, pois teria impacto direto numa maior oferta de mão de obra nos períodos de maior procura, uma melhor distribuição interterritorial dos turistas no que se refere a hospedagem em pousadas de seus

moradores, assim como a possibilidade de maior permanência desses pelos diversos distritos rurais do município, minimizando os impactos negativos da sazonalidade.

Além dos aspectos quantitativos relativos ao fluxo turístico, os respondentes elencaram que a relação com turistas “mal-educados” e “prepotentes” se constituem em importante fator para o aparecimento de estresse psíquico, ficando muitas vezes difícil administrar suas emoções no trato com esses.

Barreto (2004), relata que essa aparente contradição, de contatos efêmeros, mas ao mesmo tempo geradores de conflitos em maior ou menor medida, aponta para a dimensão da complexidade desse relacionamento, pois o turismo é um fenômeno realizado pelos indivíduos em sociedade e como tal, existe um importante grau de imprevisibilidade, não sendo possível se generalizar as relações entre visitantes e visitados, nem predizer como elas serão em determinado momento e lugar.

Dessa forma, esse estudo pretende trazer subsídios à compreensão de como os trabalhadores do turismo comunitário no Vale do Matutu podem ressignificar os sofrimentos percebidos em suas atividades laborais.

6.3 - A PSICODINÂMICA DO TRABALHO APLICADA AO TBC NO MATUTU: DA POSSIBILIDADE DE ADOECIMENTO À SAÚDE MENTAL CRIATIVA

A partir dos relatos dos respondentes foi possível perceber as relações entre o mal-estar percebido em suas *práxis* laborais com o modo como as dinâmicas do trabalho vem ocorrendo no turismo comunitário no Vale do Matutu e que segundo Heloani e Lancman (2004a), torna-se necessário compreender que o trabalho assume um papel central na constituição da identidade individual com implicação direta nas diversas formas de inserção social dos indivíduos, sendo dessa forma fundamental entender a organização do trabalho e seus reflexos na qualidade de vida, na saúde e no modo de adoecimento dos trabalhadores para que se possa lançar mão de intervenções em situações de trabalho que estejam gerando sofrimento e agravos à saúde.

Por outro lado, esses autores relatam que esse mesmo trabalho pode se constituir em uma fonte de prazer e de desenvolvimento humano, ficando evidente que o trabalho e as relações que nele se originam nunca podem ser tomadas como

um espaço de neutralidade subjetiva ou social, a tal ponto que sua influência transcende o tempo da jornada de trabalho, estendendo-se para a vida familiar e o tempo do não-trabalho.

A partir das entrevistas realizadas no que tange às percepções dos respondentes sobre as dinâmicas do cotidiano de seus trabalhos e nos impactos das mesmas sobre suas vidas e saúde, houve a oportunidade para que Tupi e Isaias relatassem sobre a importância de se criarem momentos de reflexões para se repensarem suas práticas e suas percepções sobre seus sentimento e suas subjetividades no cotidiano laboral o que de acordo com Heloani e Lacman (2004b) vem de encontro às premissas da psicodinâmica do trabalho que liga a pesquisa à intervenção, numa verdadeira clínica do trabalho, onde a escuta é realizada de forma coletiva, a partir de um processo reflexivo e que diferentemente da ergonomia, não busca formular recomendações e modificações a serem implantadas nos postos de trabalho, mas que possibilite a criação de mobilização entre os trabalhadores, de forma que esses possam alavancar mudanças no trabalho ou em suas relações laborais.

Esse recorte mostra o quanto a pesquisa não se constitui em um processo neutro, mas que afeta não só o pesquisador, como também os respondentes, a partir de processos reflexivos, o que se tornou uma realidade no presente trabalho, ao despertar o interesse desses na criação de momentos para escuta e trocas sobre suas práticas, seus sentimentos e percepções.

É a pesquisa apontando para a possibilidade da clínica a ser promovida no espaço coletivo do trabalho, a clínica dos trabalhadores no território.

Nesse sentido, como possível saída para o sofrimento experimentado pelos trabalhadores no exercício laboral, Merhy (2016) se apropria de atitudes baseadas no cuidado ao relatar sobre a possibilidade de se promover a ampliação das redes existenciais que tem como objetivo maximizar os recursos que cada um tem disponível para ir produzindo possibilidades de se lançar mão de um leque de opções e irem reinventando as suas existências para enfrentar os vários momentos da vida, mencionando, ainda, que a falta da rede de encontros, empobrece as possibilidades de mudanças e que quando nos incluímos na rede do outro, contribuímos para novos agenciamentos, por nos tornarmos um a mais nessas redes e não ser a única rede que possibilita a potência do outro, apontando para o quanto esse mundo tem elementos em aberto, trabalho vivo em ato.

Não se identificou entre todos os respondentes o adoecimento propriamente dito, porém houve relatos de sofrimentos relacionados aos seus processos de trabalho em determinados contextos, mas que não foram suficientes para migração ao polo psicopatológico, o que ficou evidenciado quando cada respondente, mesmo que não fazendo uma correlação direta, apontou para sugestões de mudanças nas formas como o turismo no Vale do Matutu poderia ser desenvolvido em relação ao seu propósito, como quando Matutino fez menção ao “turismo filosófico” e quando Tupi e Xamânica relataram sobre a necessidade de se comunicar a iniciativa contemplando seus aspectos culturais e de hospitalidade, o que poderia, inclusive, impactar numa distribuição temporal das práticas turísticas de forma mais homogênea, minimizando os efeitos negativos da sazonalidade.

Dessa forma, apontando para possíveis soluções para as adversidades em seus trabalhos à luz da psicodinâmica do trabalho, esses sujeitos expressam seus potenciais criativos como alternativas aos sofrimentos percebidos.

Para Dejours (1996), o sofrimento é um elemento importante no processo de trabalho, pois é a partir dele que o prazer é alcançado, ao gerar desafios e os esforços para lutar contra esse sofrimento, por vezes desembocando nas descobertas e criações úteis para a humanidade, adquirindo com isso seu sentido positivo, possibilitando, dessa forma, o confronto de sua realidade laboral, buscando significação para as tarefas que realiza mediante a organização do seu trabalho.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo trouxe subsídios que correlacionam o sofrimento psíquico dos trabalhadores do turismo de base comunitária no Vale do Matutu, Aiuruoca, MG com as práticas laborais por eles executadas, associadas à organização de seus trabalhos.

Apesar do trabalho em turismo de base comunitária permitir uma maior flexibilidade em suas práticas, quando comparadas as do turismo convencional, não isenta as mesmas de serem permeadas de sofrimentos em seus exercícios, condição essa que, a priori, permeia a natureza de quaisquer atividades laborativas.

Assim, muitas vezes, essas condições, apesar de percebidas e experenciadas a níveis somato psíquicos por cada trabalhador, não são valorizadas como um fenômeno que as relacionam com suas práticas laborais e que ao serem

automatizadas sem a emergência de processos reflexivos, contribuem para seus agravamentos e adoecimentos, como forma de defesas dos organismos ao estresse crônico.

A pesquisa de campo desse estudo teve como público respondente uma pequena parcela de trabalhadores do turismo comunitário do Matutu, devido o tempo reduzido para sua realização e pelas condições meteorológicas desfavoráveis e que por isso se constituiu num fator limitador da mesma sem, contudo, inviabilizá-la.

Como condicionantes relacionados à promoção de sofrimento psíquico, os respondentes elencaram que as mudanças nos formatos de hospedagem ou mesmo da visitação do tipo *day use*, normalmente trazem maiores transtornos ao turismo comunitário, ao proporcionar experiências turísticas insuficientes para imersões nos modos de vida e nos aspectos culturais do território, sendo essas práticas percebidas como um sentimento de desvalorização territorial, associado a comportamentos inadequados de alguns turistas como fatores geradores de mal-estar entre os trabalhadores.

Outros condicionantes mencionados pelos respondentes disse respeito à penosidade do trabalho nos períodos de aumento da demanda e as incertezas nos de baixa procura relacionadas a sazonalidade do turismo no Matutu, além daquelas provocadas pela diminuição, de modo geral, da procura após a pandemia de Covid-19, fenômeno que parece também ser reforçado pela fragilidade na governança traduzida pela falta de apoio do ente municipal ao turismo comunitário no Matutu, pela ausência de uma competitividade cooperativa (coopetição) com os demais distritos rurais de Aiuruoca e por uma comunicação pouco abrangente e efetiva na promoção do turismo local.

Todos esses condicionantes, embora dotados de materialidade, se relacionam intimamente e refletem no plano simbólico a natureza essencial do trabalho em turismo de base comunitária, que são seus atributos de hospitalidade e as dinâmicas em suas redes, ou seja, a crise da hospedagem percebida, a sazonalidade e os comportamentos disruptivos dos visitantes como distorções na hospitalidade e as fragilidades na governança, na competitividade e na comunicação como reflexos de como estão fluindo o poder e o tráfego de influências nessas redes.

Contudo, os sofrimentos percebidos por seus trabalhadores não foram suficientes para migração ao polo psicopatológico (adoecimento) de acordo com a teoria psicodinâmica do trabalho, entretanto, os respondentes em suas narrativas

puderam fazer menções a possíveis soluções para os “gargalos” em suas dinâmicas laborais que se relacionam ao modo como o turismo vem sendo operado no território, como quando um respondente menciona a possibilidade do desenvolvimento de um “turismo filosófico”, que trata-se de uma prática turística com propósito, além, em nosso entendimento, do potencial de se promover uma marca, um *branding* que identifica e comunica o turismo comunitário do Matutu.

Apesar da narrativa desse respondente ter uma característica individual e pontual no sentido da resolução de um dado problema levantado, a pesquisa suscitou em alguns respondentes a importância de se promoverem espaços para discussões coletivas sobre seus sofrimentos no exercício laboral e percepções que correlacionem esses aos modos como seus trabalhos são organizados e realizados em consonância com a pesquisa-intervenção da psicodinâmica do trabalho em sua dimensão clínica.

Os mecanismos envolvidos na psicodinâmica do trabalho no turismo comunitário no Matutu se apresentam como a percepção de sofrimento psíquico por seus trabalhadores e que através de seus mecanismos de defesa psíquica, se auto regulam, mantendo a integridade psíquica, impedindo, dessa forma, o adoecimento desses sujeitos, mas que no decurso temporal podem sofrer desgastes, fragmentando a homeostase e culminando com a migração psicopatológica (adoecimento).

Como dispositivo de promoção da saúde mental, a instauração da clínica da psicodinâmica do trabalho, se apresentaria como uma possibilidade na qual nos espaços coletivos de trabalho, seus trabalhadores poderiam ressignificar criativamente seus sofrimentos.

Dessa forma é interessante a realização de outros estudos que possibilitem a verificação da ocorrência de sofrimentos psíquicos relacionadas às práticas laborais em outras iniciativas de turismo de base comunitária, que inclusive permitam evidenciar possíveis adoecimentos entre seus trabalhadores, bem como as soluções criativas por eles coletivamente adotadas visando a manutenção da saúde mental dos mesmos assim como a “saúde” de suas iniciativas de turismo de base comunitária.

REFERÊNCIAS

ALVES, K. S. **Saúde e Adoecimento no Mundo do Trabalho em Turismo.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação. São Paulo, 2021. p. 131-150.

BARRETO, M. **Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócio antropológicos.** Revista Turismo em Análise, v.15, n.2. São Paulo, 2004. p. 133 - 149.

BERTH,J. **Empoderamento e os perigos do esvaziamento leviano de conceitos.** CartaCapital, 17/01/2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/empoderamento-e-os-perigos-do-esvaziamento leviano-de-conceitos/>. Acesso em: 03 set. 2024.

BRESSAN, F. **O método do estudo de caso.** Administração on line, v.1, n.1. 2000, p. 1-13.

CAMARGO, L. O. L. **As leis da hospitalidade.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v.15, n.2. São Paulo. 2021. p.1-16. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v.15i2.2112>. Acesso em: 03 set. 2024.

CAMARGO, L. O. L. **Os interstícios da hospitalidade.** Revista Hospitalidade, v. 12, n. especial. São Paulo, 2015. p. 42 - 69.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** A sociedade em rede, Vol. 1. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 2011.

CHIAVEGATO FILHO, L. G.; PEREIRA JUNIOR, A. **LER/DORT: multifatorialidade etiológica e modelos explicativos.** Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v. 8, n. 14. Botucatu, 2003, p. 149-162.

CLARO, M. M. F. **Condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores de comércio em rela**ção à sazonalidade turística. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

CONCEIÇÃO, R. **Turismofobia: notas sobre o processo de imaginação social no turismo.** Resumo expandido. III Fórum ABRATUR. 2019. p. 145 - 149.

CONTI, B. R.; ANTUNES, D. C. **Turismo e economia solidária: uma aproximação relutante.** Rosa dos Ventos, v. 12, n. 1. Caxias do Sul. 2020. p. 106 – 128.

COSTA, B. I. F.; LIMA, L. P.; MATSUSHIMA, G. M. N.; GAITANO, L. M.; SIMIONI, P. U. **Relações entre estresse e desequilíbrio imunológico: uma atualização.** Revista Cadernos Acadêmicos, v.9, n.1. UNISUL, 2023.

COUTINHO, A. C. A.; NÓBREGA, W. R. M. **Governança em destinos turísticos: desafios na sociedade contemporânea.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 13, n.3. São Paulo, 2019. p. 55 - 70.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Tradução: Luiz Alberto Monjardim, 7ª edição, Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François. **O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas**, 3ª ed., v. 1, Editora Atlas, São Paulo, 1996. p. 150 - 173.

DOMINGUES, G. M. **Limites e desafios do turismo comunitário: o caso da comunidade rural do Vale do Matutu em Aiuruoca – MG.** Anais do VIII Seminário da ANPTUR. Balneário Camboriu, 2011.

FOIS-BRAGA, H. **Disciplina Dimensões da Hospitalidade.** Curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2021.

GOB.BR. **Turismo é educação, saúde, emprego e renda, diz Alckmin.** Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. 19/08/2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assunto/noticias/2024/agosto/turismo-e-educacao-saude-emprego-e-renda-diz-alckmin>. Acesso em: 03 set. 2024.

GOVERNO MUNICIPAL DE AIURUOCA. **Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e de Turismo.** Aiuruoca lhe recebe de braços abertos. 2022. Disponível em: <https://www.guiadeservicosaiuruoca.com.br>. Acesso em: 31 jan. 2026.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. **Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação.** Revista Gestão e Produção, v.14, n. 3. São Carlos, 2004. p. 77 – 86. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>. Acesso em: 19 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Aiuruoca. **Censo 2022.** Disponível em: <https//w.w.w.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/aiuruoca.html>. Acesso em: 21 jan. 2026.

JODELET, D. **Abordagem psicossociológica sobre ameaças e seus usos sociais.** Revista Sociedade e Estado, v. 34, n.1.Brasília, 2019. p. 287-305.

LIMA, M. A. G.; IRVING, M. A., OLIVEIRA, E. **Decodificando Narrativas de Políticas Públicas no Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC).** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 16, e-2094. São Paulo. 2022.

MARCONSIN, A. F. **Políticas públicas de economia solidária: uma política em construção.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, SP. 2008.

MARROQUINI, H. K. O. **A produção do espaço e o turismo nos Vales da Pedra e do Matutu - Aiuruoca/MG.** Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia. Universidade de São Paulo, 2016.

MARUJO, N.; SANTOS, N. **Turismo, turistas e paisagens.** Revista Investigaciones Turísticas, n.4. Coimbra, 2012. p. 35 - 48.

MENDONÇA, H. P. F. **A Problemática da Saúde na Sociedade Capitalista e suas Implicações no Processo de Adoecimento dos Trabalhadores Brasileiros.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2017.

MERHY, E. E.; BADUY, R. S.; SEIXAS, C. T.; ALMEIDA, D. E.; SLOMP JUNIOR, H. (orgs). **Políticas e Cuidados em Saúde / Livro 1 – Avaliação Compartilhada do Cuidado em Saúde: surpreendendo o instituído nas redes.** Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Ministério da Saúde, Ed. Hexis. Rio de Janeiro, 2016.

MINAS GERAIS. **Lei nº 25.789 de 30 de março de 2026**. Belo Horizonte, 2026.

MINAYO, M. C. de S. O. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo. Hucitec/Abrasco, 1994.

MONTEIRO, M. **Competitividade de destinos turísticos: o caso das Ilhas do Cabo Verde.** Dissertação de Mestrado em Gestão das Organizações. Instituto Politécnico de Bragança. Bragança, 2014.

MORAES, E. A.; IRVING, M. A.; PEDRO, R. M. L. R.; OLIVEIRA, E. **Turismo de base comunitária à luz da teoria ator-rede: novos caminhos investigativos no contexto brasileiro. Revista Crítica de Ciências Sociais.** Universidade de Coimbra, Port. 2020. p.145-168. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.10761>. Acesso em 03 set. 2024.

MORAES, L. A.; SANTOS, G. **Sofrimento e adoecimento no trabalho: um diálogo entre a psicodinâmica do trabalho e a psicologia analítica.** Revista Observatorio de La Economia Latino Americana, v. 23, n. 3. Curitiba, 2025. p. 01 - 20.

POLÍTICA NACIONAL DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: **subsídios e orientações técnicas.** Ministério do Turismo e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.

RICCI – CAGNACCI, R.; ROSSI, G. B. **Hospitalidade compartilhada e a Airbnb: reflexões sobre antigos valores, tempos modernos, novas concepções.** Ateliê do Turismo, v.5, n.1. Campo Grande, 2021. p. 252 - 277.

SANTOS, M. C. F. **Sofrimento psíquico entre pescadores e marisqueiras da Baía de Todos os Santos e Baía do Iguape/BA.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SEBRAE / Polo SEBRAE de ecoturismo. **Relatório de Inteligência. Turismo sazonal: contornando desafios e gerando novas oportunidades.** 2022 Disponível em: <https://ecoturismo.sebrae.com.br/storage/midiateca/documentos-1673362707-218.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2026.

TADIOTO, M. V.; CAMPOS, L. J. **“Coisas-a-Saber” no Turismo: reflexões sobre o conceito de segmentação.** Rosa dos Ventos, v.13, n. 4. Caxias do Sul, 2021. p. 1069-1087.

VASCONCELOS, A.; FARIA, J. H. **Saúde mental no trabalho: contradições e limites.** Revista Psicologia e Sociedade, v. 20, n.3. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300016>. Acesso em: 18 fev. 2026.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Como você percebe o turismo praticado no Vale do Matutu?

Como as práticas turísticas vem se desenvolvendo?

Quais aspectos você considera positivos no turismo do Matutu?

Quais aspectos você considera negativos?

Que sugestões você daria para a manutenção do turismo praticado?

Que melhorias deveriam ser implementadas?

Como você se percebe e o seu trabalho no turismo local?

Quais os impactos você considera que o turismo trouxe para sua vida?

E em sua saúde? Considera que seu trabalho no turismo impactou a mesma? De que forma?

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "Devagar com o andor que o santo é de barro: a psicopatologia nas relações de trabalho no turismo de base comunitária", sendo que o motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a pequena existência de estudos que correlacionam o trabalho no turismo comunitário e os possíveis sofrimentos oriundos de seu fazer. Nesta pesquisa pretendemos analisar como os sujeitos implicados com o fazer turístico no Vale do Matutu, Aiuruoca - MG, percebem o sofrimento decorrente de seus trabalhos.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você que será realizar uma entrevista a partir de um roteiro de perguntas preestabelecidas. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **o incômodo ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados, divulgação de dados confidenciais e tomar o tempo do sujeito aoserentrevistado.** .Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, agiremos no sentido de garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos, minimizar desconfortos com liberdade de não responder questões constrangedoras, estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto, assegurar a confidencialidade e a privacidade e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de auto estima . A pesquisa pode ajudar a aumentar o conhecimento sobre à percepção sobre estados de sofrimento físico ou psíquico decorrentes do trabalho com o turismo comunitário, bem como sobre a promoção da saúde mental relacionada à prática laboral.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

_____ _____

Assinatura do Participante Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Márcio José de Moraes Oliveira
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: Instituto de Ciência Humanas / Departamento de Turismo / Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional
CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102-3101
E-mail: 55320805691@estudante.ufjf.br

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do
Brasil. **Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.edu.br
1